

A Arte da Guerra na Era Napoleônica



Nilson Vieira Ferreira de Mello *

Resumo: Texto de palestra proferida pelo autor no auditório do IGHMB, em 28 de maio de 2002, condensa a biografia de Napoleão Bonaparte e apresenta uma síntese das características da Arte da Guerra do seu tempo.

Palavra-chave: Napoleão.

ANTECEDENTES

Napoleão Bonaparte nasceu em Ajácio em 15 de agosto de 1769. No ano anterior, a Córsega passara ao domínio da França pelo tratado firmado entre a República de Gênova e o Rei Luís XV. Nasceu, portanto, legitimamente francês, embora conservasse o sentimento patriótico corso durante a juventude.

Segundo filho de uma família de 12 irmãos, dos quais oito chegaram à idade adulta (cinco homens e três mulheres), eram seus pais Carlo Maria Buonaparte e Letizia Romalino.

Sua mãe era uma autêntica *mamma* italiana: alternava doçura maternal com rigor

e energia na educação dos filhos. Sóbria e econômica, conduzia a casa com coragem e austeridade, tanto na opulência como na adversidade.

O pai, bem-apegoado e extrovertido, era algo boêmio. Descendente de uma família da pequena nobreza lombarda, estudou Direito em Piza e em Roma, chegando a praticar a advocacia, por algum tempo, em Ajácio. Hábil no jogo político, logo viu-se envolvido com as idéias do patriota corso Paoli nas lutas pela independência da Córsega. Todavia, quando firmou-se o domínio francês sobre a ilha, transferiu sua lealdade à França e entrou para a administração local, na qual progrediu, culminando com sua indicação para representar a sua província em Paris, como deputado à Assembléia dos Nobres. Por essa época tor-

* Coronel de Cavalaria e Estado-Maior. Sócio honorário do IGHMB.

nara-se amigo de Marboeuf, governador da Córsega, com quem conseguiu bolsas de estudos para seus dois filhos mais velhos: José, para o Colégio de Autun, e Napoleão, para a Escola Real Militar de Brienne.

Brienne era uma das 12 escolas militares fundadas em 1776 por iniciativa do Conde de Saint-Germain, Ministro da Guerra de Luís XVI, para educar os filhos da aristocracia francesa. Dirigida por frades menores da Ordem de São Benedito (como ocorria com as escolas públicas, entregues ao saber e ao zelo de religiosos, ao tempo em que a Igreja estava ligada ao Estado), exigia dos candidatos à matrícula prova de ascendência nobre.

Ao ingressar em Brienne, Napoleão tinha apenas 10 anos de idade. Bolsista pobre entre colegas ricos, franzino e falando muito mal o francês, reagiu ao ambiente tornando-se taciturno e pouco sociável. Seu nome soava estranhamente aos ouvidos dos seus colegas e, na tentativa de afrancesá-lo, pronunciava “Napaillonê”, com acento tônico na última sílaba. Seus colegas logo o apelidaram de *la paille au nez* (a palha no nariz), despertando nele reações coléricas. Porém, à medida que o tempo passava, o pequeno corso foi se impondo, graças à sua personalidade, forte e decidida.

Diz-se que os grandes homens nem sempre foram bons estudantes. Napoleão foi excelente aluno em Matemática, apaixonadamente devotado em História e Geografia, e desinteressado em gramática e latim. Indicado por Laplace, que o examinara em Matemática, em primeiro lugar entre os candidatos à Artilharia, logrou apenas um medíocre 42º lugar no conjunto da sua turma.

Napoleão cursou a escola de Brienne durante cinco anos, após o quê foi transferido para a Escola Militar de Paris, renomado estabelecimento pelo rigor do ensino e pelo luxo das instalações. Com mais um ano de estudos, foi nomeado segundo-tenente de Artilharia e classificado no Regimento de La Fère, aquartelado em Valente, no vale do Ródano.

O HOMEM

Napoleão não era bonito. Pequeno, magro e um tanto desajeitado, ainda assim impressionava os artistas, como Jacques Louis David, um dos mais famosos da época. David dizia que Napoleão tinha perfil de moeda antiga e não se cansou de retratá-lo de variadas maneiras, a maioria das quais em lances épicos que pouco tinham de verdadeiro. De temperamento seco e pouco amável, intimidava os que dele se aproximavam com seu olhar frio e penetrante. Não obstante, galvanizou multidões com sua sensibilidade para aplicar, de forma espontânea, técnicas de psicologia das massas de que nos falou, magistralmente, o Dr. José Eugênio de Macedo Soares, em recente palestra neste Instituto. Pessoalmente, impunha-se por um conjunto raro de qualidades, entre as quais destacavam-se as de cunho intelectual, como inteligência, memória e presença de espírito, servidas por uma personalidade forte e dominante. Dotado de invulgar capacidade de trabalho e de poder de concentração, processava mentalmente uma quantidade enorme de dados e informações, chegando a soluções rápidas para problemas complexos.

Esse conjunto magnífico de atributos iria transformar sucessivamente, em pouco mais de vinte anos, o tímido bolsista de Brienne em oficial do rei, revolucionário de Toulon, general vitorioso na Itália, demolidor da frágil república do Diretório, cônsul único e vitalício, imperador e vencedor de dezenas de batalhas memoráveis para, finalmente, ser esmagado pelo inverno russo e derrotado por um general medíocre, em Waterloo.

Construindo sua fama ao ritmo de frequentes sucessos, acabou por levantar as monarquias européias contra as suas ambiciosas pretensões, que nele viam o usurpador de uma posição que, por direito divino, cabia somente às castas dinásticas hereditárias.

Ao fim e ao cabo, Napoleão iria entrar para a História aureolado de glória, mas manchado de sangue que o martírio de Santa Helena não foi capaz de limpar.

A OBRA

Governamental

O fulgor das vitórias napoleônicas tem ofuscado a apreciação da sua obra administrativa. Seu governo sob o Consulado foi dos mais ricos em realizações, mesmo considerando o conjunto da história da França.

Muitas delas perduram ainda hoje, como certos princípios do Código Civil, incorporados à legislação de países ocidentais, entre os quais o Brasil.

No Império, sua atenção foi desviada para assuntos externos. Sua ambição e seu sonho, algo utópico, de unir a Europa numa espécie de confederação sob a égide da França motivaram a oposição armada de sete coligações de países europeus.

Napoleão legou à França quadros administrativos e jurídicos de excelente qualidade e que assim ainda se conservam. Criou o Tribunal de Contas e o Banco da França, atribuindo a este o monopólio da emissão da moeda. Definiu as atribuições dos *préfets* (governadores de estado na organização brasileira) e dos *maires* (prefeitos municipais na nossa organização), assegurando a continuidade da administração pública em amplitude

nacional. Instituiu a Legião de Honra, respeitável instituição venerada pelas francesas desde então, e popularizou o *baccalauréat*, exame a que se submetem os concludentes do ensino médio, realizado nos excelentes *lycées*. Propôs a *Concordata* ao Papa Pio VII, eliminando assim o cisma na Igreja Católica da França e neutralizando um dos argumentos dos realistas para a restauração da monarquia. Sobretudo, promulgou o Código Civil, primeiro estatuto dessa

Seu governo sob o Consulado foi dos mais ricos em realizações, mesmo considerando o conjunto da história da França. Muitas delas perduram ainda hoje, como certos princípios do Código Civil, incorporados à legislação de países ocidentais, entre os quais o Brasil.

nacional. Instituiu a Legião de Honra, respeitável instituição venerada pelas francesas desde então, e popularizou o *baccalauréat*, exame a que se submetem os concludentes do ensino médio, realizado nos excelentes *lycées*. Propôs a *Concordata* ao Papa Pio VII, eliminando assim o cisma na Igreja Católica da França e neutralizando um dos argumentos dos realistas para a restauração da monarquia. Sobretudo, promulgou o Código Civil, primeiro estatuto dessa

natureza na Idade Moderna, que regulou as relações sociais, profundamente alteradas pela Revolução Francesa. Do ponto de vista meramente técnico, a elaboração desse diploma legal coube aos juristas, mas nele a influência de Napoleão foi reconhecidamente importante. Propondo idéias gerais, conciliando pontos de vista conflitantes ou impulsionando a redação do texto (presidiu 36 das 84 sessões do Conselho de Estado para tratar do assunto), é justo ter esse portentoso trabalho passado à História como Código Napoleônico.

O entusiasmo popular com a Concordata e, sobretudo, a paz com a Inglaterra, assinada em Amiens em 1802, abriu a Bonaparte a possibilidade de tornar-se cônsul vitalício, com a faculdade de indicar seu sucessor. Assumia, destarte, as prerrogativas de um monarca cabeça de dinastia, ao qual ficavam apenas faltando o trono e a coroa, que a conspiração de Cadouval e o fuzilamento do Duque d'Enghien em breve dar-lhe-iam. Assim, em maio de 1804, um *senatus consulto* promulgava a 6ª Constituição da França em 13 anos, a qual criava o Império. Napoleão, gerado para a notoriedade no ventre da Revolução, não poderia adotar os títulos da dinastia Bourbon, afogada em rios de sangue. Fez-se Imperador dos Franceses e não da França, como os reis que o antecederam, assinalando assim que o título que assumia provinha do povo.

A Revolução, choque de forças políticas levado ao extremo da mais desabrida violência, teve no Consulado e teria agora no Império a sua negação. A síntese imediata desse processo será a restauração da

monarquia, algo realmente impensável para os contemporâneos da queda da Bastilha.

Militar

O furor revolucionário abalara todas as estruturas nacionais francesas. O sistema militar da Monarquia foi severamente afetado, não obstante a simpatia de significativas parcelas do Exército pelas idéias nacionalistas, patrióticas e libertárias. Os oficiais do *ancien régime*, oriundos da nobreza, ou foram executados, ou tiveram de emigrar para não morrer. Poucos permaneceram na França, sujeitos à humilhação do meio soldo ou até mesmo nas fileiras, particularmente os de postos mais baixos.

Mas a Revolução não podia prescindir de uma força militar que garantisse sua continuidade. Urgia substituir o velho Exército de profissionais da Monarquia por outro, de voluntários, o que implicava profundas modificações na organização e no emprego das forças.

A primeira grande modificação ocorreu nos efetivos. A idéia de “nação em armas” inaugurava, de certa forma, o conceito moderno de guerra total, vale dizer, a guerra nacional que mobiliza todos os recursos do país que se lhe façam necessários. O voluntariado em massa, resposta ao brado de *la nation en danger* lançado pelo Diretório, permitiu a constituição, já em 1794, de um Exército de 750 mil homens. Esse enorme contingente deveria compensar, pela quantidade, o que lhe faltava em qualidade. Às deficiências individuais de instrução opunham os revolucionários o patriotismo (no-

ção relativamente nova) e o ardor cívico; é o *élan*, tão valorizado pelos franceses, e que viria a ser uma das causas das tremendas carnificinas verificadas na Primeira Guerra Mundial. Entregavam-se grandes formações de tropa, às vezes exércitos inteiros, a jovens alçados instantaneamente dos postos inferiores da hierarquia ao generalato.

Essas graves deficiências de treinamento e de comando conduziram a uma mudança nas operações militares.

Até o século XVIII, o objetivo das operações de guerra era colocar o inimigo, por uma série de marchas e contra-marchas, vale dizer, pela manobra, em uma posição insustentável, verdadeiro cheque-mate. Valmy – vitória de Dumouriez e de Kellermann contra os prussianos, em 1792 – talvez tenha sido a última batalha desse tipo. Doravante, o objetivo buscado seria a destruição das forças do inimigo.

A tática revolucionária, estribada nos grandes efetivos, desprezava a manobra e o fogo, que seus inexperientes generais não sabiam conjugar em proveito da vitória. Evitavam, portanto, a batalha planejada e conduzida, substituindo-a por uma espécie de combate de encontro, lançando as grandes massas de que dispunham sobre o adversário, na esperança de que o *élan* lhes garantisse a vitória. E, quando isto não ocorria, ainda havia a vantagem de, nesse tipo de combate, a derrota não ser necessariamente decisiva.

A BATALHA NAPOLEÔNICA

No cenário militar que esboçamos é que Napoleão vai realizar suas notáveis proezas guerreiras, valendo-se dos instrumentos disponíveis. Na realidade, ele nada inventou em matéria de arte da guerra. Salvo a criação dos corpos-de-exército, nível de coordenação intermediário entre o comandante-em-chefe e as divisões, ele deve a série brilhante de vitórias conquistadas a alguns poucos princípios, genialmente observados.

Nem mesmo quanto ao aperfeiçoamento do material sua contribuição foi significativa, não obstante seu interesse pelas ciências, sendo mesmo membro do Instituto de França por esse setor. Desprezou a máquina a vapor como meio de propulsão de engenhos bélicos, desinteressou-se do

uso de aerostatos como observatórios e deu pequena extensão às linhas de telegrafia aérea.

Quanto ao armamento, suas vitórias devem muito à velha baioneta, empregada pela primeira vez em Bayonne, no século XVII, ao canhão, aperfeiçoado por Gribeauval em 1776, e à artilharia a cavalo, criada por Frederico II e adotada na França desde 1792.

Suas espetaculares vitórias explicam-se pela rapidez nos deslocamentos, capacidade manobreira e pela superioridade da sua ação de comando sobre a de seus opositores.

Para Napoleão, a arte da guerra é simples e toda de execução.

Ela não se aprende em tratados, mas no estudo dos grandes capitães da História e na própria experiência.

Para Napoleão, a arte da guerra é simples e toda de execução. Ela não se aprende em tratados, mas no estudo dos grandes capitães da História e na própria experiência. Ao assumir o comando do Exército da Itália, aos 27 anos de idade, sua experiência de guerra era pequena, mas seu gênio militar estava fortalecido com meditadas leituras dos clássicos da História.

Não se pode falar propriamente num sistema de guerra napoleônico, mas numa maneira peculiar de agir, segundo princípios inteligentemente observados. O primeiro deles é a *iniciativa* para impor ao adversário o local do combate e obrigá-lo a expor sua idéia de manobra. O segundo é a *rapidez* nos deslocamentos e nas mudanças de dispositivo, visando a *surpresa* e a *concentração* de um máximo de poder *no ponto decisivo*. Ele próprio reconhecia que ganhava as batalhas com as pernas dos seus soldados. Outro é o de *economizar forças* atribuídas aos setores secundários para garantir a supremacia de meios no ponto decisivo.

Todos esses princípios são familiares a qualquer oficial de estado-maior. Porém, empregá-los com o fulgurante sucesso das campanhas napoleônicas é privilégio dos gênios.

A esses princípios cumpre acrescentar a ação psicológica que Bonaparte exercia sobre as tropas amigas e, também, sobre o inimigo. Utilizando habilmente as proclamações, recompensas e a propaganda, como nos ensinou o Dr. Macedo Soares, criava um clima favorável às suas ações, mesmo para as mais difíceis e penosas.

Outro aspecto a salientar na forma de Napoleão fazer a guerra é a sua preocu-

pação com o que chamava de “linha de operações”, corredor por onde fluíam os suprimentos e evacuavam-se os feridos e por onde, em caso de insucesso, seria efetuado o retraimento. Em suma, era o que hoje chamamos de estrada principal de suprimento (EM).

As manobras napoleônicas eram extremamente variadas, pois se conformavam com as circunstâncias, sempre cuidadosamente analisadas. Numa tentativa de esquematização, citaremos os seguintes tipos:

- *manobra sobre a retaguarda* para cortar as comunicações do adversário, levando-o a uma *batalha de frente invertida*, como em Ulm, na campanha de 1805, e em Iena, na de 1806;
- *manobra em posição central*, que poderia ocorrer por golpe ofensivo, como em Millesimo (1796), ou por uma atitude defensiva, uma *expectativa estratégica*, como em Mantua (também em 1796), ou ainda por um ataque ao flanco do inimigo, partindo de uma posição central, como em Austerlitz (1805).

Austerlitz é uma obra-prima de audácia na concepção e de maestria na condução, e figura entre as mais belas batalhas napoleônicas.

A *manobra sobre a retaguarda*, quando bem-sucedida, é decisiva. Já a *manobra em posição central* nem sempre o é porque o inimigo, mesmo batido, poderá sempre retrair.

Napoleão coroava a vitória com a *perseguição estratégica*, preconizada por Frederico. Todavia, este jamais conseguiu realizá-la satisfatoriamente pois seus exércitos,

mais pesados e presos aos armazéns, eram menos ágeis. Já Napoleão, mestre no emprego da cavalaria *antes e durante* a batalha, o era também *após* a batalha, realizando profundas perseguições. As batalhas, que poderíamos chamar de conjugadas, de Iena e Auerstaedt são disso um bom exemplo. Em outubro de 1806, durante a 4ª Coligação, *la Grande Armée* encontrava-se diante do Exército prussiano de Brunswick. O Imperador tendia a superestimar o Exército prussiano em virtude da sua grande admiração por Frederico II.

Mas, as forças que a ele se opunham eram um exército antiquado, que manobrava como em ordem unida, e cujos comandantes eram generais idosos, especialmente se comparados com os franceses. Do lado prussiano, Brunswick tinha 71 anos de idade, Hohenlore, 60, Blücher, 64, Moellendorf, 81. Do lado francês: Napoleão, 37, Davout, 36, Soult, Lannes e Ney, 37. Vencidas as batalhas, abria-se diante dos franceses o caminho para Berlim. Aproveitando o êxito, o Imperador lança Murat com a sua cavalaria em tenaz e profunda perseguição, longa de centenas de quilômetros (800km em 24 dias), que só terminaria em Berlim, de onde Murat enviou a Napoleão a seguinte mensagem: “Sire, o combate terminou por falta de combatentes” (inimigos, obviamente).

Aniquilado o poder combativo do Exército prussiano, em cujo Estado-Maior ser-

via um promissor oficial chamado Klaus von Clausewitz, Napoleão foi visitar o túmulo do seu ídolo. Na penumbra da pequena capela que guardava os restos mortais de Frederico, o Imperador permaneceu longos minutos, silencioso e em atitude reverencial, como absorto em profunda meditação.

Iena era uma cidadezinha tornada conhecida pela fama de sua Universidade. Nela habitava Hegel (1770-1831), filósofo alemão que deprezava a Prússia e ad-

mirava Napoleão, como também Goethe e Beethoven, pelas idéias libertárias que ele encarnara no passado e por combater as monarquias absolutas. Na Introdução do seu livro *Fenomenologia do Espírito*, Hegel escreveu: “Esta manhã vi passar debaixo da minha janela a História, montada a

cavalo.” Era o Imperador dos franceses, em rota para a capital prussiana.

Podemos resumir a ação de comando de Napoleão dizendo que ele, inicialmente, analisava as circunstâncias do campo de batalha (estudo de situação) e levantava alternativas (linhas de ação), enquanto aguardava as informações buscadas pelos meios de reconhecimento (cavalaria ligeira). Devidamente informado sobre o terreno e o inimigo (atitude, valor, dispositivo e possibilidades), tomava logo a iniciativa das ações, visando à surpresa. Contra um adversário dividido em dois grupamentos,

Na penumbra da pequena capela que guardava os restos mortais de Frederico, o Imperador permaneceu longos minutos, silencioso e em atitude reverencial, como absorto em profunda meditação.

manobrava velozmente para impedir sua reunião e, então, batia-os separadamente. Se reunido numa única massa, ameaçava suas linhas de comunicação, levando-o a combater com a frente invertida. Suas batalhas, portanto, variavam muito, não seguiam um padrão único: manobra sobre a retaguarda em Marengo (segunda campanha da Itália, junho de 1800; nesta batalha morreu o artífice da vitória, o General Desaix); rebatimento pivotando sobre uma das alas, como em Ulm (3ª Coligação, outubro de 1805); desbordamento em Smolensk (campanha da Rússia, 1812); ataque convergente e ação de alas em Iena/Auerstaedt (outubro de 1806); manobra para dividir o inimigo em Rivoli (primeira campanha da Itália, 1796) e em Friedland (4ª Coligação, 1807); manobra em posição central, como na campanha da França, em que lutou com enorme inferioridade de meios (1814).

A carreira de comandante de exércitos, conquanto excepcionalmente brilhante, não foi para Napoleão unicamente um rosário de vitórias.

Ocorreu-lhe, como é humano, cometer erros, o último dos quais, em Waterloo, lhe foi fatal. Mestre no emprego da cavalaria, esta Arma, que desempenhou relevante papel em muitas das suas batalhas, esteve com ele na sua última refrega. Em Waterloo, o fracasso teve início quando Ney, julgando Wellington em retirada, deslocou prematuramente a sua cavalaria, inclusive os regimentos da reserva do Exército francês. O terreno, desfavorável à carga, obrigou aquela grande massa de cavalarianos (cerca de cinco mil) a marchar ao trote, joelho com joe-

lho, tornando-a vulnerável ao fogo da infantaria inglesa. Um oficial inglês, porta-estandarte dos Reais Granadeiros a Pé, assim registrou esse dramático momento:

“Nenhum dos homens presentes que tenha sobrevivido poderá esquecer, enquanto viver, a grandeza dessa carga. Percebia-se, à distância, o que parecia ser uma avassaladora e longa linha móvel que, avançando, coruscava como uma gigantesca onda de tempestade, escondendo a luz do sol. As hostes montadas faziam trepidar a terra, batida por sua estrondosa marcha. Dir-se-ia que nada poderia resistir ao impacto dessa terrível massa em movimento.”

PALAVRAS FINAIS

Antes de concluir esta desprezenciosa palestra, permitam-me os senhores sair um pouco do seu tema principal para relembrar as ligações da era napoleônica com o nosso país. Recentemente, a Biblioteca do Exército, a Casa que hoje generosamente nos acolhe, publicou interessante livro, de autoria do Embaixador Donatello Grieco, que trata pormenorizadamente o assunto. Como sabemos, após a queda de Napoleão em 1815, um grande contingente de militares deixou a França. Para os Estados Unidos da América do Norte foram cerca de dez mil oficiais do Exército e da Marinha. Alguns destes, ardorosamente leais ao Imperador decaído, puseram-se a planejar a retirada do prisioneiro de Santa Helena. Cogitavam instalá-lo na grande república americana do Norte, ou mesmo no nosso país, onde a Revolução Republi-

cana de 1817 parecia oferecer condições favoráveis. O insucesso desta frustrou os planejadores da audaciosa tarefa, alguns dos quais viveram então perigosas aventuras no Brasil.

São, também, curiosas as ligações de parentesco das duas primeiras imperatrizes do Brasil com as duas esposas de Napoleão. Maria Leopoldina, primeira mulher de Pedro I, e Maria Luiza, segunda de Napoleão, eram ambas filhas do Imperador Francisco I, da Áustria. Além disso, D. Amélia, segunda mulher da D. Pedro I, era neta de Josefina de Beauharnais, primeira esposa de Napoleão.

Em 1812, fracassou uma tentativa de Claude François Mallet, general republicano, de depor o Imperador dos Franceses. Preso, julgado sumariamente e fuzilado, sua família buscou asilo na Bélgica, de onde um ramo, constituído pelo casal Jean Antoine Mallet e Julie-Marie Joseph Mallet e seus filhos, veio para o Brasil. Entre os filhos desse casal estava Emílio Luís Mallet, herói de guerra em Tuiuti, marechal do Exército brasileiro e patrono da nossa Arma de Artilharia.

Finalmente, a repercussão mais importante da era napoleônica para o Brasil: a invasão de Portugal pelas tropas francesas sob o comando de Junot, em 1807, e a conseqüente vinda da Corte e do governo do Príncipe Regente D. João para o Rio de Janeiro, em 1808. Esse fato histórico facultou ao nosso país um acentuado desenvolvimento e contribuiu fortemente para a independência, em 1822.

Retornando a Napoleão, diremos que sua derrota final era inevitável. Sua ambição desmedida foi a sua perda, pois não se pode lutar indefinidamente contra vários inimigos a um só tempo. Enquanto crescia o número dos seus inimigos, decrescia o poder de seus exércitos, exauridos na campanha da Rússia e reconstituídos com soldados cada vez mais jovens e inexperientes, e completados com corpos estrangeiros de pequeno valor combativo, quando não inclinados à traição.

O fulgor das suas vitórias criou uma lenda que, após Santa Helena, transformou-se em mito.

Em Paris, sua presença é enorme. Além do *tombeau* dos *Invalides*, onde repousa em companhia dos marechais de França, os *boulevards* e as grandes avenidas que convergem para o Arco do Triunfo, cujas paredes ostentam os nomes de suas vitórias, recordam sua glória militar.

Mas, essas vitórias e essa glória cobraram o seu preço. Napoleão deixou a França territorialmente menor do que quando a recebera. Seu efêmero império ocasionou duas invasões do solo pátrio. Em suas guerras incessantes, o sangue verteu copiosamente, encharcando os campos de batalha do continente. Pela ambigüidade da sua obra, é apaixonadamente idolatrado e, na mesma medida, implacavelmente odiado, decorridos 181 anos desde sua morte no desolado rochedo vulcânico, perdido no Atlântico.



“Livre-me Deus dos amigos, porque dos inimigos me livrarei eu.”

Napoleão Bonaparte